

O Catolicismo Brasileiro e a Politização das Consciências: uma Reflexão Ético-Teológica sobre o Sentido do Ódio e do Terror na Massificação Religiosa

Brazilian Catholicism and the Politization of Consciences: an Ethical-Theological Reflection on the Meaning of Hate and Terror in Religious Massification

André Luiz Boccato de Almeida¹

Lúcia Eliza Ferreira Albuquerque²

RESUMO

O artigo aborda o catolicismo brasileiro dentro do processo de politização das consciências e da implicação ético-teológica em torno da questão do ódio proveniente do fundamentalismo da extrema direita. Sabe-se que a religião é um fenômeno socioantropológico complexo e que passa por reformulações constantes. No caso brasileiro, o catolicismo tem perdido sua força diante da sua irrelevância simbólica e política no espaço público. Esta perda de “poder cultural”, segundo Pierre Bourdieu, favorece o aparecimento da reação fundamentalista, própria do mecanismo massificador de pessoas, onde o uso da linguagem do ódio e até do terror objetiva manipular as consciências. Enseja-se percorrer três caminhos: a) apresentar a ideia de identidade católica como projeto político; b) discorrer sobre o discurso religioso em conformidade com a cultura do ódio e do terror; c) refletir a necessidade de uma educação com a retomada das imagens de Deus e de vida cristã segundo o evangelho.

PALAVRAS-CHAVE

Catolicismo; Politização; Consciências; Teologia; Ódio.

ABSTRACT

The article discusses Brazilian Catholicism within the process of politicizing consciences and the ethical-theological implications surrounding the issue of hatred stemming from extreme

¹ Pós-Doutor em Teologia (PUC-PR). Doutor em Teologia Moral (Lateranense de Roma-Afonsiana). Mestre em Teologia (PUC-SP). Professor de Teologia na PUC-SP. Líder do Grupo de Pesquisas PHAES (Pessoa Humana Antropologia Ética e Sexualidade) da PUCSP e CNPq. Contato: a.l.boccato@gmail.com

² Doutoranda em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Mestre e Bacharel em Teologia (PUCSP). Integra os Grupos de Pesquisa PHAES (Pessoa Humana Antropologia Ética e Sexualidade) e LERTE (Literatura Religião Teologia); ambos da PUCSP e CNPq. Contato: lucia.elizaazile@gmail.com

right-wing fundamentalism. It is well known that religion is a complex socio-anthropological phenomenon that undergoes constant reformulation. In the case of Brazil, Catholicism has lost its strength in the face of its symbolic and political irrelevance in the public arena. This loss of “cultural power”, according to Pierre Bourdieu, favors the emergence of the fundamentalist reaction, typical of the mechanism that massifies people, where the use of the language of hate and even terror aims to manipulate consciences. The aim is to follow three paths: a) to present the idea of Catholic identity as a political project; b) to discuss religious discourse in accordance with the culture of hatred and terror; c) to reflect on the need for an education that recovers images of God and Christian life according to the Gospel.

KEYWORDS

Catholicism; Politicization; Consciences; Theology; Hatred.

Introdução

O presente artigo dissertará acerca do catolicismo brasileiro e a politização das consciências no atual contexto de polarização ideológica e manipulação das pessoas. Este fenômeno se insere na abrangência de outra manifestação cultural de complexa análise: o neoconservadorismo e o tradicionalismo na Igreja Católica no Brasil, enquanto uma reação diante do pluralismo e abertura ao diálogo com a modernidade. No atual contexto de complexidade, com a disseminação de rápidas e emancipadas formas de veicular informações ou notícias, cresce o número de experiências de fé que se exprimem mediante novas formas de linguagem. Esta questão acena ao tema da linguagem teológica e suas possibilidades interpretativas. A linguagem é uma dimensão estruturante não só da discursividade específica da teologia. Ela é essencial para compreender a dinâmica da existência e suas possibilidades hermenêuticas.

Este tema insere-se na conjuntura político-social do Brasil que nos últimos anos tem passado por rápidas mudanças e surgem, assim, novos atores sociais com pautas que rompem com uma linha eclesiológica que foi se impoando a partir dos anos 1970. A partir dos anos 2010 em diante, houve uma lenta mudança no cenário mundial, em que as democracias demonstraram um certo enfraquecimento. Com isso, o fenômeno religioso enquanto realidade preponderantemente política, se tornou uma espécie de instrumento de grupos para imporem suas pautas identitarista, além de rechaçar a inclusão de minorias, de agendas plurais. No caso brasileiro a Igreja Católica, também assimilou esta condição a partir de uma mudança de atitude frente aos mais complexos dinamismos. Sentiu-se um retraimento de perspectiva pastoral em que o laicato dinâmico foi desaparecendo, em detrimento do surgimento de novos grupos com protagonismo e visibilidade no plano social. Muitos destes grupos, com total liberdade de atuação, deslocaram o sentido último do ser Igreja para uma cruzada religiosa em que o essencial seria combater o inimigo, valendo-se, inclusive, de discursos de ódio e intolerância frente à alteridade. Neste artigo, se buscará analisar estes eventos a partir da reflexão de autores e abordagens distintas.

A reflexão proposta percorrerá o tema a partir de uma abordagem hermenêutica e fenomenológica em que se problematizará o clima de ódio e de terror presente na sociedade, e radicalizada com o uso das plataformas digitais. Num primeiro momento, será apresentada a questão da identidade católica como projeto político. Neste âmbito, será tratado o conflito presente na

busca por um fenômeno “identitarista” em meio às plurais manifestações católicas. Posteriormente, se analisará a relação entre o discurso religioso e a cultura de ódio que foi se imponto a nível mundial, e os seus “respingos” na atualidade brasileira, principalmente a partir da lógica de uma institucionalização do terror como forma de manipulação. Enfim, será apresentada, como fator de esperança crítica, a questão emergencial da educação das consciências enquanto fundamental campo de proposta, tanto de mudanças sociais, como também de “purificação” das falsas imagens de Deus veiculadas nesta propaganda de ódio político.

1. Identidade católica como projeto político: a laicidade em risco

As religiões, de modo geral, possuem uma dupla perspectiva sociológica. Uma de caráter mais pessoal, onde a pessoa, pela fé, adere a um projeto pessoal, e inclusive espiritual, enquanto um sentido existencial de vida. Outra, é a de ser um mecanismo complexo de sustentação de ideias, um sistema de crenças em que é possível arregimentar massas frágeis para defender causas ideológicas e até políticas. Pode-se dizer que o catolicismo, ao longo da sua história, reverberou muito bem esta dupla teia de âmbitos, desde suas formas mais sofisticadas às mais simples³.

Ao abordar o tema da identidade católica como um projeto político, toca-se numa questão de ampla convergência de vários fatores, dos mais visíveis ao mais invisíveis. A partir da ocupação do discurso confessional em espaços públicos, do consentimento de certos grupos religiosos em indicar representação político-eleitoral de seus interesses religiosos como agenda universal no exercício de personagens políticos e da pragmática defesa e generalização da desconfiança, do medo e da agressividade⁴; o cenário de crise se impõe e “as cruzadas culturais para expurgar o mal”⁵ é internalizado.

Esse é um problema que se situa no contexto da “politização” das consciências, mediante uma ausência de visão comum ou projeto de alargamento das grandes controvérsias dos tempos atuais. O diferente e a alteridade, em tempos de polarizações, acirram e dificultam ao sujeito a possibilidade de fortalecimento de sua identidade de modo aberto, fechando-se no universo das imediatas imposições heteronômicas.

As identidades não podem ser pensadas como dados prontos, com uma definição estática, mas em permanente construção, de tal forma que seria melhor pensar em processos identitários. São fenômenos relacionais e, potencialmente, conflitivos. Pessoas e grupos sociais se dão conta de sua identidade na medida em que se relacionam com o diferente e percebem essa diferença e isso lhes aparece como dado problemático quando se veem confrontados por esse outro.

Nesses processos, a identidade hegemônica pode aceitar as subalternas sem necessidade de se questionar sobre si mesma. Ela é a norma, as outras são anormais, estranhas ou inferiores.

³ ALMEIDA, André Luiz Boccato de. Exibicionismo narcisista e autorreferencialidade. O risco pecaminoso da idolatria de si mesmo. In: TRASFERETTI, José Antonio; MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo. *Formação*. Desafios Morais 2. São Paulo: Paulus, 2020, p. 268.

⁴ BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, R.; TONIOL, R. *Conservadorismo, fascismo e fundamentalismo: análises conjunturais*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2018, p. 34.

⁵ BURITY, 2018, p. 26.

Podem ser toleradas por desempenhar um papel importante na ordem social, ao servir para a justificação da unidade do grupo hegemônico, em sua oposição a esses que são párias ou, ao menos, estranhos⁶.

Os processos identitários que perpassam o imaginário católico brasileiro estão submetidos a razões de ordem mais alargada, proveniente do amplo processo de secularização e desencantamento do mundo, o que é próprio da modernidade. Além destes, há um sutil cancelamento cultural do cristianismo tradicional, que se encontra em crise, diante da emergência de novos atores religiosos no plural cenário sociorreligioso no final do século XX em diante.

Pode-se dizer que em toda sociedade ocorrem “ondas identitárias”, fruto de seus processos propriamente de aceitação ou rejeição de perspectivas modernas que questionam antigas verdades sociais e religiosas. Talvez, a retomada de uma identidade única, católica propriamente, é uma reação de sobrevivência “identitarista” de ao menos quatro “ondas de revoluções”. Estas são próprias de uma sociedade em rápida transição para novas formas de modernidade, na qual identidades são paulatinamente mais escolhidas, como parte de um novo processo de reconhecimento⁷.

A primeira onda identitária é a proveniente da revolução demográfica. Esta tem reduzido rapidamente o número de jovens e aberto oportunidades para o surgimento de um consumo juvenil, também de cultura, estilos e tecnologias. Esse tipo de oportunidade somente se dá em sociedades onde menos jovens recebem mais atenção dos pais e dos adultos em geral. A segunda é a revolução educacional pela qual os mais jovens estão mais tempo em escolas. Foca-se mais na formação da personalidade dos alunos, tendo a escola que competir com grupos religiosos e até a mídia social. Nas camadas mais baixas já é evidente que as mulheres estão mais bem formadas do que os homens. A terceira revolução consiste no fato de que há, uma avanço na qualidade de vida e no padrão de consumo das camadas mais baixas. Isso é, por si só, um grande fator de mudança identitária de caráter sociorreligioso. A quarta se dá no campo das tecnologias das comunicações. Passou-se do telefone comunitário para o orelhão, do plano para o telefone fixo, do celular e o smartphone com inúmeros aplicativos. Esta onda de rápida comunicação e entretenimento, de fato, é geradora de uma rápida transformação identitária que individualiza os contatos, mas também acelera e radicaliza polarizações e projetos políticos, mediados por discursos religiosos e até com tons de terror psicológico⁸.

É dentro desta gama de “ondas” e de “revoluções” silenciosas em meio ao tecido social que emergem identitarismo. Na verdade, por trás deste fenômeno, há uma luta identitária, isto é, uma política identitária (*identity politics*). Esse cenário pode ser compreendido como uma forma de politização das contraposições entre determinados grupos sociais, cujos membros reconhecem que o seu pertencimento é compelido por aspectos da sua identidade. O mundo da luta identitária acaba se tornando um conjunto de peças que nunca formam um mosaico, porque há superposições e há colisões, em que cada pauta identitária tende a se fragmentar em um

⁶ NETO, Ana Luíza Gouvêa. Pensando a partir de Judith Butler: corpos, normas, materialidade, sexo, gênero e a construção do sujeito. In: RODRIGUES, Elisa; NETO, Ana Luíza Gouvêa (orgs.). *Religião, educação e gênero: experimentos teóricos*. Juiz de Fora: UFJF, p. 23.

⁷ HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora, 34.

⁸ SANSONE, Livio. O sucesso e a crise da onda identitária no Brasil. In: *Rev. Antropol.* (São Paulo, Online), v. 63, n. 3, p. 1-22, USP, 2020, p. 10-11. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/178846/166727>. Acesso em: 13. maio.2024.

processo infinito, uma vez que constantemente aparece uma nova microidentidade se desgarrando do núcleo a que se vinculava e reivindicando o direito à autorrepresentação. O resultado é uma fragmentação infinita assumida como destino⁹.

2. O discurso religioso em conformidade com a cultura do ódio: a institucionalização do terror

A parábola, *A guerra dos Palhaços*, produzida pelo escritor moçambicano, Mia Couto, descreve a generalização da violência verbal e física no espaço público. A observação do conflito e, posteriormente, produzido pelas personagens “telespectadores”, introduz a ideia que não há inofensividade na observação de atos violentos. Há conivência, relação e cumplicidade com a barbárie daqueles assistiam e conviviam por dias com a violência. Em um primeiro momento, dois palhaços iniciaram uma discussão por um tema desconhecido. Esse “debate” transformou-se em espetáculo, onde os transeuntes assistiam e davam-lhes moedas. Em seguida, com a progressão das agressões, o espaço constituiu-se como campo de batalha, cruzavam-se pancadarias e a vizinhança estava dividida em opiniões opostas; o terror dominava dando início o massacre. Ao final, os habitantes da cidade estavam mortos; e os palhaços vivos se abraçaram, riram, recolheram as moedas e foram para outra cidade¹⁰.

Segundo Selner e Morais, a partir do conto de Couto, é possível observar o comportamento passional dado pela espetacularização gratuita da violência¹¹. Ao perceber a progressão do ato violento – inicialmente, banalizado e vilipendiado pelos espectadores – logo toma forma de irracionalidade na ação, reprodução da violência e propicia engajamento¹². Dessa maneira, o conto dos palhaços “gira em torno do absurdo de uma multidão inteira ser influenciada por discursos agressivos e ações de ódio provenientes de figuras políticas que não têm razão ou argumentação, apenas atitudes abissais”¹³.

Essas ações agressivas e odiosas denotam nosso interesse, porque, é possível observar na atualidade a naturalização e legitimação do ódio como política, prática discursiva e um patológico entendimento acerca da liberdade de expressão. E porque não dizer que também pauta e emoldura certa identidade e experiência religiosa. Sobre isso Trindade, descreve a *práxis* do ódio, no qual se caracteriza por manifestação e defesa de certos “pensamentos, valores e ideologias que visam inferiorizar, desacreditar e humilhar uma pessoa ou grupo social, em função de (suas) características”¹⁴. Assim, nessa configuração de partes, resulta na formulação de grupos: o endogrupo (nós) e o exogrupo (eles)¹⁵, onde o ódio é executado.

⁹ GOMES, Wilson. A esquerda identitária e a satanização da maioria. 2018. In: Cult. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/esquerda-identitaria-e-satanizacao-da-maioria/>. Acesso em: 13. maio.2024.

¹⁰ COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 111-113.

¹¹ SELNER, Raquel; MORAIS, Maria Perla Araújo. Waldo e os palhaços: política, entretenimento e violência em Mia Couto e Black Mirror. *Humanidades & Inovação*, v. 6, n. 3, p. 123-136, 2019, p. 128. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/955>. Acesso em: 02. jun. 2024.

¹² SELNER; MORAIS, 2019, p. 127.

¹³ SELNER; MORAIS, 2019, p. 133.

¹⁴ TRINDADE, Luiz Valério. *Discurso de ódio nas redes sociais*. São Paulo: Jandaíra, 2022, p. 17.

¹⁵ Segundo Williams, os preconceitos alimentam estereótipos e atribui características a pessoas e grupos de pessoas, baseadas em generalizações e categorias rudimentares. E, essas construções molduram percepções de um grupo sobre o outro. O endogrupo (nós) é o contexto em que se formula os preconceitos, categorizações e

O ato de odiar ultrapassa as emoções negativas da raiva, do desprezo ou da repulsa; é uma ação persistente, estável e intensa¹⁶. Talvez fluído, por percorrer estágios de locução e execução. Alterando-se de “piadas” a insultos abertos; impondo segregações institucionais; discriminando pela negação de oportunidade e serviços; punindo agressivamente de forma verbal, física, sutil e técnica; e praticando políticas de extermínio dos indesejáveis ao indicá-los como passíveis de morte¹⁷. O ódio se empodera na aguda conflituosidade do “nós” contra “eles”.

Para Romano, o ódio tem muitos nomes e algumas técnicas que permitem a direção de massas; a manipulação é uma delas¹⁸, visto que, a doutrinação das consciências na direção de ideologias autoritárias e autorreferências enunciam condutas e escolhas morais. Nisso, permitem a origem de certezas adoecidas, e educam para o seguimento irrestrito das mesmas rumo à barbárie¹⁹. Dessa maneira, a instrumentalização para o combate se configura na tensão entre “nós e eles”, na qual inimigos²⁰ são identificados pela indagação que promovem ao dito “governo dos santos”²¹, que se caracteriza pela confessionalidade e assentimento a normas morais no espaço público.

Considerando a estupidez como horizonte possível, mediante a execução e o fortalecimento de certas ideologias, tem-se como resultado a indiferença e o preconceito, a consolidação do medo e do estranhamento, os quais estruturam meios contínuos de desumanização e fragmentação do bem coletivo. Sobre isso, Bauman apresenta o medo e a vulnerabilidade do tempo presente como importantes elementos para domesticação e controle. Assim diz:

Não temos exatamente medo, mas o temos. Temos medo, logo existo. Outro lado da mesma moeda, o medo alimenta o ódio e o ódio alimenta o medo. O medo fala a língua da incerteza, da insegurança e da falta de proteção que nossa época fornece em grandes quantidades e abundância (...) o problema é que com isso vem um político trapaceiro que promete resolver a questão e afastar todos os nossos medos e descontentamentos. Assim, o medo se torna uma mercadoria política, abrindo caminho para uma onda de populismo e xenofobia. Diante de nossos olhos, a cultura do medo produz a política do medo²².

Com a ascensão da ultradireita, a pauta dos costumes em voga, e a proximidade do discurso religioso cristão de característica fundamentalista e neoconservadora, a política do medo se fortalece em meio a “disputa da moralidade pública”²³. Para Passos, esse movimento de alianças e afinidades conservadoras conseguiu inserir-se em grupos eclesiais, corroborando para a

sentimentos positivos acerca do nós – que promove lealdade, simpatia e compaixão –. O exogrupo (eles) é o “lugar” da execução e direcionamento dos preconceitos e dos sentimentos negativos (WILLIAMS, Matthew. *A ciência do ódio*: a jornada de um cientista para compreender a origem dos preconceitos e da violência que ameaçam a sociedade humana. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021, p. 27-28).

¹⁶ WILLIAMS, 2021, p. 29.

¹⁷ WILLIAMS, 2021, p. 29-32.

¹⁸ ROMANO, Roberto. *Os nomes do ódio*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 15.

¹⁹ ROMANO, 2009, p. 16-18.

²⁰ Sobre isso, Burity, apresenta certos atores que são indicados como “o outro lado” nessa disputa discursiva. São: religiosos afro-brasileiros, evangélicos, ecumênicos, sem religião, secularistas, a esquerda parlamentar, movimentistas, feministas, LGBTs e militantes negros (2018, p. 48).

²¹ BURITY, 2018, p. 47.

²² BAUMAN, Zygmunt. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 117.

²³ ALMEIDA, Ronaldo de. Deuses do parlamento: os impedimentos de Dilma. In: ALMEIDA, R.; TONIOL, R. *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2018, p. 184.

institucionalização de valores totalitários e no detrimento de direitos individuais e sociais²⁴. À vista disso, essa frente político-religiosa configura e atinge variados contextos ao “misturar ideias do conservadorismo, do libertarianismo e do reacionarismo”²⁵ com causas comuns à frente tradicionalista, tais como: luta contra o aborto, negação do ecumenismo, crítica à chamada “ideologia do gênero”, afirmação do comunismo como inimigo da fé católica e rejeição à crítica do capitalismo, negação da pluralidade religiosa e teológica, defesa da moral objetiva e simpatia por regimes autoritários²⁶.

O elemento do ódio se traduz como fronteira de encontro desses lados díspares e similares, dado que dividem a missão – outorgada por Deus- de proteger a moralidade e os bons costumes, lutar pela fé cristã e condenar tudo que infrinja a constituição familiar tradicional. Esses enunciados fragilizam o Estado laico, invisibilizam as reais necessidades sociais e encaminha – a passos largos- para o “obscurantismo que sobrepõe política e religião, impondo-se como valor, comportamento e poder”²⁷. Diante dessas evidências, conforme esclarece Mattos, institucionaliza-se a desigualdade, destrói a biodiversidade e a diversidade cultural, e viola os direitos humanos, por legitimar interesses escusos de grupos²⁸ que dividem e marginalizam aqueles que não se encaixam em seus discursos. E quando isso acontece no contexto religioso, o qual tem por ética “religar, fraternizar, solidarizar, associar e comunicar”²⁹, exclui-se e discrimina por sacralizar relações injustas e opressivas; logo, está fadada ao fracasso por ser incapaz de promover o cuidado igualitário, acolhimento e solidariedade³⁰.

3. Educação das consciências para reformulação das imagens de Deus e da proposta religiosa: desafios e perspectivas

Diante da politização das consciências, da cultura de ódio e da massificação religiosa em andamento no Brasil, é urgente pensar uma educação em que se parta de uma imagem pacífica de Deus no contexto das religiões. Sabe-se que a religião possui uma potente capacidade de mobilizar consciências anestesiadas e adormecidas, seja para o bem ou para o mal. De sujeitos religiosos narcísicos a religiosos psicopatas, aparecem neste cenário também os oportunistas que buscam manipular o sagrado para obter ganhos de interesse.

Portanto, urge retomar, de forma atualizada, tanto a distinção entre consciência mágica/intransitiva, consciência crítica e conscientização, própria do pensador brasileiro Paulo Freire, como também desta apresentar possíveis reformulações das imagens de Deus e religiosas que impulsionem a pessoa a superar todo tipo de colonialismo.

²⁴ PASSOS, João Décio. *A força do passado na fraqueza do presente: o tradicionalismo e suas expressões*. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 168.

²⁵ PASSOS, 2020, p. 164.

²⁶ PASSOS, 2020, p. 166.

²⁷ ALMEIDA, 2018, p. 186.

²⁸ MATTOS, Luiz Augusto de. O fundamentalismo e a negação do sujeito ético: em tempo de financeirização da vida e de “descuido” da vida. In: MILLEN, M.; ZACHARIAS, R. *Fundamentalismo: desafios à petica teológica*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2017, p. 69-70.

²⁹ MATTOS, 2017, p. 82.

³⁰ Cf. RAIMUNDO, Valdenice José. Feminismo negro, afrocentricidade e teologia negra feminista: um encontro inadiável e imprescindível. In: CALDEIRA, Cleusa. *Teologia feminista negra: vozes que ecoam da África e da América Latina*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023, p. 59.

Sabe-se que em toda sociedade está inserida em um contexto religioso no qual a representação da imagem de Deus vem emoldurada por um contexto histórico, cultural e social. Especificamente no mundo moderno ocidental, tem-se proclamado uma leitura de Deus que, por ser Todo-poderosa e soberana, mostra-o como distante lá no céu, enquanto o povo está aqui na terra. A representação de Deus surge das experiências humanas. A partir da educação que recebemos, especialmente na família, mas também diante de outras influências – religiosas, culturais, comunitárias etc. – criamos uma ideia de Deus. Essa imagem se manifestará no relacionamento que teremos, e de maneira muito acentuada, na educação a transmitir³¹.

Sendo Deus um ser espiritual, há a necessidade de representá-lo através de imagens. Estas se alojam no mais profundo da consciência. Do modo como estão estruturadas, dão a base para o que a pessoa irá se comportar e se relacionar com os outros no seu cotidiano. Elas são influenciadas pela realidade histórica, social e cultural, o que se chama de paradigmas. Do paradigma medieval, onde o teocentrismo imperava, proveio uma imagem de um Deus “castigador”, “justiceiro”, “vingador”, “sádico”, gerador de medo, um verdadeiro “deus patri-kiriarkal”. Do moderno, emanou uma imagem de um Deus “inimigo” do ser humano, que o deixa emancipar-se. Essa imagem negativa de Deus é questionada pelos mestres da suspeita (Marx, Nietzsche e Freud) que geram um lento processo de demolição metafísica da identificação de Deus com o Ser, sentida hoje pelo niilismo³².

Se no contexto precedente ao moderno, pensava-se Deus a partir do paradigma teocêntrico, de totalidade moral sobre o sujeito particular, no posterior, ou seja, o moderno, o sujeito vai se constituindo na própria libertação deste contexto para uma autonomia de fato³³. Na verdade, trata-se de um lento processo irretornável, em que os novos sujeitos, conscientizados de suas opressões ou submissões “espirituais”, colocam-se num plano de mudança de postura. Do ponto de vista ético-teológico, emergiu como resposta a este novo modelo de mundo e de sujeito, duas principais perspectivas como respostas. A primeira é um modelo de autonomia teônoma-personalista e a segunda, a ética da liberação³⁴. A primeira foi uma tentativa de responder às exigências de uma humanidade em via de crescente secularização já que a aparição do ‘homem secular’ e da ‘cidade secular’ obriga a moral e a teologia a adaptar a sua mensagem a essa nova situação da história humana. A segunda, na mesma linha, embora se dê no contexto da sociedade também secularizada, buscou se aproximar do mundo dos pobres crucificados na marginalização e pobreza, vítimas de um modelo de desenvolvimento desigual³⁵.

Ambas as perspectivas emancipadoras, próprias de tentativas de novos sujeitos cristãos situados em contextos de imersão no mundo, são respostas teológicas, dentro do paradigma moderno e contemporâneo, de emancipação e de reformulação das imagens de Deus em contextos próprios. Deste modo, as imagens de Deus dependem do modo como o ser humano se emancipa. Esta também é, em consequência, proveniente de processos de educação e de conscientização, geradoras de formas mais racionais de assimilar a experiência religiosa.

³¹ MAIA, Geraldo. Imagens e verdadeira face de Deus. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, ano 26, n. 1, 2011, p. 118. Disponível em: file:///Users/andre/Desktop/lepidus,+Encontros+Teologicos+58.compressed.117-130.pdf. Acesso em: 25.maio.2024.

³² MAIA, 2011, p. 119-121.

³³ McFAGUE, Sallie. *Modelos de Deus*. Teologia para uma era ecológica e nuclear. São Paulo: Paulus, 1996.

³⁴ PEINADO, José Vico. *Éticas teológicas ontem e hoje*. São Paulo: Paulus, 1996 (Nova práxis cristã).

³⁵ *Ibidem*, p. 81.

Enfim, a imagem do paradigma pós-moderno de Deus. A pós-modernidade absolutizou o subjetivismo e o domínio da emoção³⁶. Prenhe de tecnicismo, moldou uma imagem plástica de um “deus” mágico, técnico, retribuidor. A matriz dessa imagem de Deus parte do capitalismo neoliberal: Deus é o grande dispensador das riquezas. Ele premia a uns e castiga a outros. É o retorno da antiga “teologia da retribuição”. Trata-se de uma imagem mágica, de uma concepção de um “deus” pragmático, utilitarista, sem compromisso social efetivo. A relação humano-divina nesta imagem não permite o amor gratuito e desinteressado. Deste modo, “quando usamos Deus para a defesa de algo, colocamos esse algo acima de Deus; por conseguinte, convertemo-lo em um ídolo”³⁷.

Além de querer que esse “deus” resolva meus problemas particulares, o “eu narcísico” procura relacionar-se com ele de forma emotiva, nas mais extravagantes manifestações, numa demonstração neurótica e, às vezes, até psicótica. A pessoa passa a querer que esse “deus” resolva seus problemas depressivos ou comportamentais. O relacionamento da pessoa com Deus assume características patológicas da mente humana.

Percebe-se que estas imagens carregam distorções, provenientes de convicções e demandas da humanidade numa determinada época. Mesmo que não seja mais tão incisiva quanto na época pré-moderna, a imagem do “olho de Deus” continua monitorando muitas consciências, violentando a liberdade humana através de leis cegas e moralistas. Assistimos à derrocada do ateísmo teórico, proposto pela modernidade, substituído agora pela descoberta do sagrada na pós-modernidade, mas o ateísmo prático-convencional permanece. Ao se tratar sobre o ateísmo e suas diversas nuances, alude-se não mais à negação sistemática de Deus enquanto princípio único e metafísico, mas no sentido de pertença a uma confessionalidade instituída. Remonta-se aqui à perspectiva própria de Michel Onfray. Para ele, a filosofia moderna e pós-moderna está marcada por uma tônica do “eu”. É este sujeito que decide e pensa com autonomia que transcende a imposição dos mecanismos religiosos. Para ele, o ateísmo, hoje, não se reduz à pertença religiosa ou negação do princípio transcendente, mas acima de tudo de uma nova forma de viver a fé no horizonte da laicidade³⁸.

Urge não apenas resgatar a verdadeira face de Deus revelado por Jesus Cristo, mas antes educar as consciências. Isto é, compreender as camadas de opressão existentes nas consciências que assimilam essas imagens e se deixam conduzir por manipulações, politizações, tornando-as suscetíveis ao ódio e à massificação. É verdade que no contexto brasileiro, no campo da religiosidade popular, estas imagens ou paradigmas de Deus se associam à uma complexa rede de tradições, ritos, gestos, imagens, artefatos e espaços religiosos próprios, onde se disputam poder no tecido social³⁹.

O pensamento educacional de Paulo Freire nasce e se desenvolve a partir da sua história de vida. Para ele, a educação devia ir além do mero aprendizado sistemático na escola. Falava em educação ou alfabetização social, isto é, da necessidade de o estudante conhecer, analisar

³⁶ GIDDENS, Anthony. *Modernity and Self-identify*. Self and Society in the Late Modern Age. Cambridge, 1991.

³⁷ GONZÁLEZ FAUS, J. I.; VIVES, J. *Creer solo se puede en Dios: Ensayos sobre las imágenes de Dios en el mundo actual*. Santander, 1985, p. 43.

³⁸ ONFRAY, Michel. *Tratado de ateologia: física da metafísica*. Trad. Monica Stahel. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

³⁹ RENDERS, Helmut. Artefatos, imagens e logotipos como linguagens da religião: uma proposta multidisciplinar do estudo da cultura visual religiosa brasileira. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 64.

e se apropriar, e se apropriar dos problemas sociais que o afligem. Não via o processo educativo simplesmente como meio para dominar os padrões acadêmicos de escolarização, ou para profissionalizar-se, mas como uma necessidade de engajamento, ou seja, de estímulo para que o povo participasse do seu processo de emersão na vida pública e no todo social⁴⁰.

A visão freireana de intransitividade da consciência ou consciência mágica/intransitiva pode ser associada quando a pessoa em condicionamentos, deixa-se levar pela realidade como um espectador “passivo”, sem capacidade de se distanciar da lógica de massa. Sua constituição de rebeldia está neutralizada por uma força maior que a inteligência crítica e criativa⁴¹. Contudo, para Freire, a consciência crítica é onde se dá propriamente o processo educativo, que, para ele, é um despertar crítico e dialogante com o mundo externo, mas se posicionando. Enquanto a consciência ingênua ou mágica tende ao gregarismo e à massificação, a crítica é o contexto reflexivo, amoroso e dialético no qual se substituem as explicações mágicas e deterministas por uma interpretação mais abrangente da realidade⁴².

Num contexto de politização das consciências, de ódio ao diferente, de terrorismo e medo contra a alteridade, a religião é chamada a retornar sua função de crítica e de reflexão rumo ao essencial. Para Freire, toda experiência religiosa verdadeira dá-se num processo educacional eficaz que deveria expulsar a massificação e a alienação da condição de homens e mulheres⁴³.

Neste Brasil marcado pelo atraso e ignorância de uma elite⁴⁴, e por uma cultura capitalista global neoliberal⁴⁵, há muito a ser feito no que tange a uma formação dos sujeitos, os novos nativos digitais, que tanto manipulam e politizam as consciências. Se, de um lado, há o fim da utopia enquanto diretriz dos comportamentos dos novos sujeitos⁴⁶, há de outro, a oportunidade desafiante de superar as novas formas de conservadorismo e colonialismo presentes no imaginário digital e massificante⁴⁷.

A educação das consciências para reformulação das imagens de Deus passa por três critérios éticos fundamentais para a superação do ódio, do terror e da massificação religiosa. O primeiro é a tomada de consciência de uma situação avassaladora de desrespeito e de destruição do outro. Diante de uma imperativa cultura do “absoluto estranho”⁴⁸, presente hoje, é necessário resgatar uma salutar perspectiva de alteridade, cuja base bíblico-teológica é perceptível na longa tradição cristã, na qual o “rosto do outro”⁴⁹ deveria ser uma categoria essencial para vencer todo tipo de banalização do mal. O redespertar dessa perspectiva de valorização do outro é fruto de uma longa história, na qual o próprio outro foi esquecido, no horizonte de uma crise da civilização ocidental. Com este esquecimento da diferença, a identidade afirma-se em detrimento do outro.

⁴⁰ ALMEIDA, André Luiz Boccato de. *Ética, teologia e consciência crítica em diálogo: uma reflexão interdisciplinar entre Tomás de Aquino e Paulo Freire*. Curitiba: PUCPRESS, 2023, p. 61-62.

⁴¹ FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

⁴² FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

⁴³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

⁴⁴ SOUZA, Jessé. *A elite do atraso*. Da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

⁴⁵ FRIEDEN, Jeffrey A. *Capitalismo global*. História econômica e política do século XX. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

⁴⁶ JACOBY, Russel. *O fim da utopia*. Política e cultura na era da apatia. Rio de Janeiro: Record, 2001.

⁴⁷ SILVA, Juremir Machado da. *Raízes do conservadorismo brasileiro*. A abolição na imprensa e no imaginário social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

⁴⁸ KEHL, Maria Rita. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 23.

⁴⁹ LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrir a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, p. 261.

O segundo critério ético seria a promoção da paz, uma constante na reflexão teológica. Discursos de ódio, notícias falsas, polarizações extremadas, a diferença revoltante contra o outro, favorecem um ambiente e comportamentos violentos. Impõe-se uma naturalização do mal e da violência, isto é, da intolerância, que apenas pode ocasionar mais divisão e distanciamento das pessoas entre si. É urgente reafirmar uma identidade-alteridade centrada na promoção da paz⁵⁰.

O terceiro critério é propriamente o da inclusão. Se com a redescoberta e a hospitalidade do outro, em sua condição de presença única, e a promoção da paz, criam-se um vínculo e a afirmação do específico cristão diante dos muros de intolerâncias, com a inclusão, propicia-se a possibilidade de ultrapassar uma espécie de “espiral do silêncio e da violência”⁵¹. O tema da inclusão é, de certa forma, recente na tradição ocidental. Ele emerge como um paradigma alternativo em meio ao grande paradigma tecnocrático e dominador da modernidade.

Considerações finais

Segundo Butler, o ódio é performativo, dado a sua discursividade de expressar e de determinar formas de conduta. Ao odiar, o efeito do discurso é de degradar e humilhar, tornando o outro como vítima, subordinado e privado de exercer-se como sujeito⁵². Observou-se que o tema do ódio e a sua execução por práticas que aterrorizam, enquanto elementos de manipulação da consciência, são encontrados tanto da esfera religiosa, quanto na prática política no contexto brasileiro. Assim, entende-se que o ódio e o terror são componentes dos alicerces da convenção de um catolicismo com uma política na atualidade.

O desejo persistente de universalidade confessional e a inconcebível convivência com experiências religiosas e existências diferentes, molduram alguns grupos católicos em função da autoleitura narcísica desenvolvida. É possível compreender esse fenômeno no cotidiano brasileiro quando o discurso confessional se posiciona como referencial e detentor da verdade, principalmente em questões de costumes e de valores. À vista disso, para o assentimento de suas propostas, a moral religiosa procura assistência na esfera política, demonstrando que “a incompetência da América Católica sempre precisará de ridículos tiranos”⁵³. Segundo Anjos, a mistura dos interesses políticos e religiosos, na atualidade, é permeado de suspeitas, dado que, mesclam leituras antropológicas, sociais e econômicas⁵⁴ em comum.

Logo, o assunto se revela desafiador por conter o forte teor politizador e polarizador, inclusive pela ascensão da cultura digital, que propicia controle de dados, dos próprios discursos e deslegitima narrativas antagônicas e críticas. Diante de tal cenário, a formação da consciência se faz eminente, por protagonizar o indivíduo e indicar o apelo ético-teológico como imperativo libertador e autêntico, privilegiando a laicidade e a diversidade cultural e religiosa.

⁵⁰ SCHIO, Sônia Maria Hannah Arendt e a questão da paz. In: CESCÓN, Everaldo; NODARI, Paulo César (orgs.). *Filosofia, ética e educação*. Por uma cultura da paz. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 202.

⁵¹ NOELLE-NEUMANN, Elizabeth. *A espiral do silêncio*: opinião pública. Nosso tecido social. São Paulo: Estudos nacionais, 2017.

⁵² BUTHLER, Judith. *Discurso de ódio*: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021, p. 123-130.

⁵³ Refere-se a canção “Podres Poderes” de artista brasileiro Caetano Veloso.

⁵⁴ ANJOS, Márcio Fabri dos. Interesses religiosos da política e interesses políticos da religião. In: ANJOS, M.; ZACHARIAS, R. *Ética entre poder e autoridade*: perspectivas de teologia cristã. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2019, p. 157-159.

Referências

- ALMEIDA, André Luiz Boccato de. *Ética, teologia e consciência crítica em diálogo: uma reflexão interdisciplinar entre Tomás de Aquino e Paulo Freire*. Curitiba: PUCPRESS, 2023.
- _____. Exibicionismo narcisista e autorreferencialidade. O risco pecaminoso da idolatria de si mesmo. In: TRASFERETTI, José Antonio; MILLEN, Maria Inês de Castro; ZACHARIAS, Ronaldo. *Formação. Desafios Morais 2*. São Paulo: Paulus, 2020, p. 263-284.
- ALMEIDA, Ronaldo de. Deuses do parlamento: os impedimentos de Dilma. In: ALMEIDA, R.; TONIOL, R. *Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2018 (p. 163-194).
- ANJOS, Márcio Fabri dos. Interesses religiosos da política e interesses políticos da religião. In: ANJOS, M.; ZACHARIAS, R. *Ética entre poder e autoridade: perspectivas de teologia cristã*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2019 (p. 157-185).
- BAUMAN, Zygmunt. *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- BURITY, Joanildo. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? In: ALMEIDA, R.; TONIOL, R. *Conservadorismo, fascismo e fundamentalismo: análises conjunturais*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2018, p. 15-66.
- BUTHLER, Judith. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- _____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 46º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- FRIEDEN, Jeffry A. *Capitalismo global. História econômica e política do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- GONZÁLEZ FAUS, J. I.; VIVES, J. *Crear solo se puede en Dios: Ensayos sobre las imágenes de Dios en el mundo actual*. Santander, 198.
- GIDDENS, Anthony. *Modernity and Self-identify. Self and Society in the Late Modern Age*. Cambridge, 1991.
- GOMES, Wilson. A esquerda identitária e a satanização da maioria. In: *Cult*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/esquerda-identitaria-e-satanizacao-da-maioria/>. Acesso em: 13. maio.2024.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora, 34.
- JACOBY, Russel. *O fim da utopia. Política e cultura na era da apatia*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- KEHL, Maria Rita. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.
- McFAGUE, Sallie. *Modelos de Deus. Teologia para uma era ecológica e nuclear*. São Paulo: Paulus, 1996.

- MAIA, Geraldo. Imagens e verdadeira face de Deus. In: *Encontros Teológicos*, Florianópolis, ano 26, n. 1, p. 117-130. Disponível em: file:///Users/andre/Desktop/lepidus,+Encontros+Teologicos+58.compressed.117-130.pdf. Acesso em: 25.maio.2024.
- MATTOS, Luiz Augusto de. O fundamentalismo e a negação do sujeito ético: em tempo de financeirização da vida e de “descuido” da vida. In: MILLEN, M.; ZACHARIAS, R. *Fundamentalismo: desafios à petica teológica*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2017 (p. 69-94).
- NETO, Ana Luíza Gouvêa. Pensando a partir de Judith Butler: corpos, normas, materialidade, sexo, gênero e a construção do sujeito. In: RODRIGUES, Elisa; NETO, Ana Luíza Gouvêa (orgs.). *Religião, educação e gênero: experimentos teóricos*. Juiz de Fora: UFJF, 2023, p. 18-30.
- NOELLE-NEUMANN, Elizabeth. *A espiral do silêncio: opinião pública*. Nosso tecido social. São Paulo: Estudos nacionais, 2017.
- ONFRAY, Michel. *Tratado de ateologia: física da metafísica*. Trad. Monica Stahel. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- PASSOS, João Décio. *A força do passado na fraqueza do presente: o tradicionalismo e suas expressões*. São Paulo: Paulinas, 2020.
- PEINADO, José Vico. *Éticas teológicas ontem e hoje*. São Paulo: Paulus, 1996 (Nova práxis cristã).
- RAIMUNDO, Valdenice José. Feminismo negro, afrocentricidade e teologia negra feminista: um encontro inadiável e imprescindível. In: CALDEIRA, Cleusa. *Teologia feminista negra: vozes que ecoam da África e da América Latina*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023, p. 47-60.
- RENDERS, Helmut. Artefatos, imagens e logotipos como linguagens da religião: uma proposta multidisciplinar do estudo da cultura visual religiosa brasileira. In: NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (org.). *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 61-87.
- ROMANO, Roberto. *Os nomes do ódio*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- SANSONE, Livio. O sucesso e a crise da onda identitária no Brasil. In: *Rev. Antropol.* (São Paulo, Online), v. 63, n. 3, p. 1-22, USP, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/178846/166727>. Acesso em: 13.maio.2024.
- SCHIO, Sônia Maria Hannah Arendt e a questão da paz. In: CESCÓN, Everaldo; NODARI, Paulo César (orgs.). *Filosofia, ética e educação*. Por uma cultura da paz. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 201-217.
- SELNER, Raquel; MORAIS, Maria Perla Araújo. Waldo e os palhaços: política, entretenimento e violência em Mia Couto e Black Mirror. *Humanidades & Inovação*, v. 6, n. 3, p. 123-136, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/955>. Acesso em: 02. jun. 2024.
- SILVA, Juremir Machado da. *Raízes do conservadorismo brasileiro*. A abolição na imprensa e no imaginário social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- SOUZA, Jessé. *A elite do atraso*. Da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- TRINDADE, Luiz Valério. *Discurso de ódio nas redes sociais*. São Paulo: Jandaíra, 2022.
- WILLIAMS, Matthew. *A ciência do ódio: a jornada de um cientista para compreender a origem dos preconceitos e da violência que ameaçam a sociedade humana*. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.

Submetido em 29/06/2024

Aprovado em 18/06/2025